

Dia da Imunização: a importância das vacinas na prevenção de doenças deve ser reforçada

Marta Moura, referência técnica em vacinas do Laboratório Lustosa

Cerca de um milhão de pessoas não se vacinaram na última campanha nacional de gripe, somente em Minas Gerais. O Estado registrou três casos de sarampo em 2019, o que levou a Secretaria Estadual de Saúde (SES) a elaborar um plano de contingência. No Dia da Imunização, lembrado neste 9 de junho, uma questão coloca os profissionais de saúde em alerta: estaria a população deixando de se vacinar e provocando o retorno ou o aumento da incidência de doenças?

As vacinas estão entre as principais conquistas da humanidade. Elas são muito importantes na prevenção de doenças e a forma mais eficaz de combater males causados por vírus e bactérias. Graças a elas, conseguimos erradicar a varíola e estamos próximos da erradicação da poliomielite em todo o mundo. Também eliminamos, em 2015, a rubéola nas Américas. Milhões de vidas foram preservadas, além da economia de dinheiro com internações e tratamentos no sistema público.

Desde 2013, as taxas de imunização da população brasileira vêm caindo em todas as faixas etárias. Segundo o Ministério da Saúde, de 2004 a 2011, o país chegou a ter 100% de pessoas vacinadas contra o sarampo para a primeira dose da vacina, mas não bate a meta para a segunda dose da vacina - hoje o número está em torno de 80%.

Acredito que o sucesso da política vacinal no Brasil nas últimas décadas pode ter provocado uma espécie de “efeito colateral”, que vem contribuindo para esse comportamento. Há 30 ou 40 anos, sarampo e poliomielite, por exemplo, tinham uma alta incidência, e era comum você ficar sabendo de um caso na família ou na escola. Com a imunização, essas enfermidades praticamente desapareceram do cotidiano da população. Muita gente que não conviveu de perto com elas não tem a consciência de que essa redução só ocorreu por causa da vacinação.

Outra grande preocupação dos profissionais de saúde atualmente é a adesão cada vez maior de pais a movimentos contrários à vacinação ao redor do mundo. Esse comportamento ameaça seriamente décadas de avanços na medicina preventiva e coloca em risco vidas de quem recebeu ou não a vacina e da comunidade como um todo. Na Europa, onde o movimento está mais difundido, foram registrados recentemente 400 mil casos de sarampo, uma doença evitável com a vacina.

Nos Estados Unidos, médicos já podem se recusar a atender crianças cujos pais se negam a vaciná-los. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também prevê punições aos pais que não vacinarem os filhos.

A vacinação é uma das medidas mais importantes de prevenção contra doenças e a forma mais eficaz de combater males causados por vírus e bactérias. Entre os profissionais de saúde, já está

bem claro o conceito de que é muito mais fácil prevenir uma enfermidade do que tratá-la. Não podemos deixar que haja um retrocesso.